



A preço e a peso de OURO

Estratégias alternativas podem reduzir a necessidade de milho no cocho e o solavanco no caixa dos negócios baseados em dieta de alto grão

Sergio Raposo de Medeiros¹

Desde o ano passado, o preço do milho está nas alturas – e continua subindo. O aumento de preço das commodities é um fenômeno global e decorrente da pandemia da Covid-19, mas questões internas no Brasil agravam a situação. A persistente e relevante desvalorização do real frente ao dólar estimula a exportação, que continua aquecida pelas compras da China. Ainda que a irregularidade climática e o atraso no plantio da segunda safra não tenham atrapalhado mais um recorde na produção de grãos, a trajetória do preço do milho pressiona os custos

de produção de proteína animal.

Na bovinocultura de corte, especialmente para quem confina ou usa estratégias de suplementação pesada como o confinamento em pasto, o milho grão é o carro-chefe como fonte de energia para o ganho de peso. No entanto, há uma gama de alternativas que permitem ao criador reduzir a necessidade do cereal e o solavanco no caixa da fazenda. Trata-se da nutrição baseada em alimentos similares à matéria-prima, de recursos alimentares não convencionais, de estratégias de colheita de silagem de cereais, de enfatizar o ganho de peso a pas-

to e até mesmo de alterar a forma de comercializar os animais.

Alimentos energéticos alternativos

Entre os ingredientes convencionais que podemos usar temos:

1. Sorgo: O sorgo tem cerca de 90% do valor energético do milho. Por isso, se custar, no mínimo, 10% a menos, já é uma boa alternativa. O alimento, que deve ser usado obrigatoriamente moído, pode substituir totalmente o milho usado na dieta, mas usá-los juntamente é nutricionalmente interessante por conta das diferentes taxas de degradação (a do milho é maior que a do sorgo).

2. DDG (grãos de destilaria): O DDG é um ingrediente que passou a estar disponível recentemente, após a inauguração de plantas produtoras de etanol a partir do milho no Brasil. Usar DDG de forma complementar à dieta com milho é extremamente interessante, pois a sinergia da mistura potencializa o desempenho dos produtos sem relação à utilização isolada. Se o criador estiver próximo ao local de produção e for possível comprar o WDG (úmido), melhor ainda. O DDG deve ser ainda mais vantajoso para compor suplementos em pastagem, pois tem menos carboidratos prontamente fermentescíveis, como o amido.

3. Polpa cítrica (PC): Da mesma forma que o DDG, o uso da PC resulta em melhor desempenho quando combinada com o milho em dietas de confinamento. Além disso, desafia menos o rúmen quando usada em suplementos em pastagens, pois o carboidrato fermentado é a pectina. Costuma ser vendida peletizada e é mais usada pelos criadores que encontram-se próximos a indústrias de suco de laranja.

4. Casca de soja: A casca de soja é outro energético rico em pectina e, por isso, torna a dieta de confinamento mais segura contra acidose e o suplemento de pastagem menos deletério à degradação da fibra. Uma das suas desvantagens é a baixa densidade, o que encarece o frete por tonelada e ocupa bastante espaço de armazenamento. O ingrediente pode ser incluído em altas porcentagens, mas se recomenda não passar muito de 30% a 40% para evitar uma taxa de passagem muito rápida.

5. Caroço de algodão: Esta é uma

opção campeã quando o objetivo é usar dietas de custo mínimo, mesmo quando o criador está longe do local de oferta. Isso porque combina alto teor de proteína (23%) e alta energia, com cerca de 20% de gordura em sua composição. Esse mesmo teor de gordura é exatamente o que restringe sua utilização acima dos 15% da MS da dieta, cuja recomendação usual seria não ultrapassar os 6% (como extrato etéreo). Sua armazenagem requer alguns cuidados, pois pode ocorrer autoignição, mas, se guardada ensacada, sem contato direto com o chão e em local seco e ventilado, não deve haver problema.

6. Soja (grão): Apesar de apresentar a mesma combinação de proteína e energia que o caroço de algodão, o preço dos grãos de soja raramente se fazem competitivos para servir a dietas de custo mínimo. Um alerta importante é quanto às ureases naturalmente presentes na soja, que vão liberar amônia ao serem misturadas na dieta total com ureia. Assim, além de a proteína (no caso, o nitrogênio da amônia) ir (literalmente) pelos ares, o gás amônia fará os animais não consumirem a dieta. Uma alternativa é misturar os ingredientes apenas no fornecimento aos animais, evitando, assim, que haja tempo para ação significativa da urease.

Resíduos

Os recursos alimentares sem valor comercial, ou seja, resíduos, têm diversas origens. Podem ser provenientes da pré-limpeza de produtos agrícolas, dos processos de industrialização de alimentos humanos ou de qualquer produto residual ou material de descarte que tenha algum valor nutritivo, como, por exemplo, caixas de papelão inservíveis. Os ingredientes não têm valor de mercado e, em geral, apresentam composição variável. Por esse motivo, requerem uma prévia análise química e definição do seu valor antes de serem usados. É importante realizar a avaliação de cada carga adquirida e buscar informações sobre sua composição, origem e histórico de uso. Devem-se levantar ainda relatos de problemas e informações sobre resultados obtidos. Mesmo com essas informações, mas, especialmente na ausência delas, recomenda-se ter a supervisão de um técnico que, com todas as infor-

mações (inclusive a análise do valor nutritivo), poderá apontar alguma limitação para seu uso e/ou estabelecer uma estratégia mais segura para sua inclusão na dieta bovina.

Silagens de cereais mais energéticas

Há algumas estratégias que podem fazer com que as silagens de cereais, frequentemente usadas como fontes de volumoso, aumentem seu valor energético e, portanto, demandem menos milho (e demais alimentos energéticos) para ter o mesmo valor final de energia na dieta. Uma delas é colher mais cedo, um pouco antes do ponto recomendado – que é o do grão entre o estado pastoso e o farináceo-duro. Pode-se colher mais um tanto pastoso, desde que a umidade da massa seja de, no mínimo, 30%. Assim, produz-se menor quantidade de silagem, mas com maior teor de energia. Alternativamente, pode-se fazer a colheita no ponto recomendado, mas aumentar a altura do corte de colheita, fazendo com que a espiga de milho represente uma maior proporção da massa ensilada e, conseqüentemente, com que a silagem tenha maior concentração de energia.

Selecionar especificamente as partes mais ricas da planta também traz opções de economia na inclusão de energéticos na dieta. Entre elas estão a Snaplage e a Earlage. A Snaplage seria a espiga (grãos e sabugo) com a palha (brácteas), ou seja, o também chamado MPS de milho + palha + sabugo ou rolão de milho. O Earlage seria apenas o milho + sabugo. O uso de Snaplage (MPS) ou Earlage, todavia, provavelmente necessitará de complementação com uma fonte de fibra fisicamente efetiva para atender a essa restrição na dieta (especialmente o Earlage, que não tem a palha), mas reduzirá a necessidade de milho.

Pastagens de maior desempenho

O criador pode usar menos milho também se chegar com os animais mais pesados na seca, tentar fazer um confinamento mais curto ou usar níveis mais modestos de suplementação. Basicamente, para isso, terá de abrir mão do ganho por área e reduzir a lotação. Com menor lotação, o pastejo será mais leniente, o que permitirá ao animal maior sele-

ção e ingestão da forragem, melhorando seu desempenho individual. Nesse caso, nas águas, pode-se usar apenas suplementação mineral, e, na seca, proteinados de baixo consumo (a 2 g/kg de PV). Ainda nesse cenário, pode-se somar a menor lotação a uma adubação cujo aumento de massa permite uma seleção melhor ainda e, normalmente, maior desempenho.

Imunocastração

Como um dos limitantes para o abate é a terminação mínima, a imunocastração pode ser uma ferramenta para atender a esse objetivo ao facilitar a deposição de gordura. Vale lembrar que ela não faz milagre, e, além de seguir corretamente o protocolo de uso, é preciso dar condições de alimentação adequadas para a terminação do animal, que é mais rápida.

Comercialização de animais

A recomendação padrão para envio dos animais ao abate é fazê-lo depois que tiverem um mínimo de acabamento, mas o abate de animais mais pesados pode se justificar pela necessidade de diluição do ágio pago na reposição ou para obter bonificações ao ter animais bem terminados. Em condições de disparada do preço do milho, flexibilizar a decisão de abate, ficando mais no limite da mínima terminação ou das mínimas bonificações, pode ser uma estratégia de redução de necessidade de milho e demais ingredientes.

É interessante observar que as sugestões podem ser combinadas, inclusive os ingredientes. Costuma ser vantagem mesmo ter dietas com ingredientes diversificados, que acabam combinando características complementares e diluindo mutuamente seus defeitos. Por fim, é importante notar que, para realmente aproveitar as dicas ou as estratégias sugeridas, é necessário começar a se preocupar desde já, pois pode haver dificuldade na obtenção de alguns ingredientes. Além disso, a intensificação no uso das pastagens e das silagens depende de ações muito anteriores ao uso efetivo do milho pelos animais. 

¹Pesquisador da Embrapa Pecuária Sudeste



Foto: Carolina Jardine